



A Função Materna e o Autismo: Algumas considerações a partir da Psicanálise

Laura Cristina Oliveira Magalhães¹, Ana Ramyres Andrade de Araújo², Henrique Riedel Nunes³,

Resumo: Desde os primeiros estudos até a atualidade há alguns impasses sobre a temática autismo e seu diagnóstico. Diante disso, a busca desenfreada por tratamentos e cura não para de crescer, porém, em uma perspectiva psicanalítica é necessário dilatar o olhar para além do “sujeito diagnosticado” e analisar o cenário familiar também. Este trabalho tem como objetivo analisar quais evidências existentes/publicadas sobre a relação entre autismo, psicanálise e função materna. Trata-se de uma revisão da literatura, utilizando-se da pesquisa exploratória e da revisão integrativa como complemento. Os dados do presente trabalho foram coletados a partir das plataformas de bases de dados Scientific Electronic Library Online, e da Biblioteca Virtual em Saúde, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Os descritores utilizados foram: “autista e psicanálise”, “função materna e psicanálise”. Entretanto, foi possível observar que mãe e mulher dificilmente se separam diante de um diagnóstico de um filho autista.

Palavras-chave: Função-materna. Autismo. Psicanálise.

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Inta – UNINTA. lauracmagalhaes@outlook.com. Sobral, Ceará, Brasil;

² Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Mestra em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará - UFC. anaramyresandrade@gmail.com. Sobral, Ceará, Brasil;

³ Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. henriquieriedel@gmail.com. Fortaleza, Ceará, Brasil.

The Maternal Function and Autism: Some Considerations from Psychoanalysis

Abstract: From the first studies to the present, there are some impasses on the topic of autism and its diagnosis. In view of this, the unbridled search for treatments and cure continues to grow, however, in a psychoanalytic perspective it is necessary to expand the look beyond the “diagnosed subject” and analyze the family scenario as well. This work aims to analyze the existing/published evidence on the relationship between autism, psychoanalysis and maternal function. This is a literature review, using exploratory research and integrative review as a complement. The data of the present work were collected from the platforms of Scientific Electronic Library Online databases, and from the Virtual Health Library, Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations. The descriptors used were: “autistic and psychoanalysis”, “maternal function and psychoanalysis”. But it was possible to observe that mother and wife are hardly separated in the face of a diagnosis of an autistic child.

Keywords: Maternal function. Autism. Psychoanalysis

Introdução

Na atualidade é possível observar números que só crescem em diagnósticos de Autismo, o que torna este assunto relevante para estudos científicos. Desde Kanner (1943) quando descreveu o Autismo como um “distúrbio autístico do contato afetivo” até os dias atuais ainda há uma série de impasses diante do assunto.

Para melhor descrever sobre essa temática, precisamos entender como Kanner (1943) chegou a essas discussões, Kanner (1943) primeiramente acompanhou onze crianças nas quais possuíam entre elas característica bastante em comum, dificuldade de se comunicarem com outras pessoas, graves distúrbios de linguagem e uma preocupação excessiva por coisas imutáveis (sameness), diante disso, ele denominou essas crianças com autismo infantil precoce.

Kanner *et al* (1943) apresentou em seu artigo algumas observações sobre a dificuldade de afetividade nas famílias das crianças que ele acompanhou, porém, ele não constatou que todos os comportamentos das crianças eram responsabilidade da relação com seus pais. Diante disso, ele pensou na hipótese de que poderia haver alguma ligação do autismo com a depressão materna, a qual afetava a relação da mãe como filho (KANNER *et al.*, 1943).

Essa relação da depressão materna com a questão do autismo partiu de um ideal de mãe, onde viam essa mãe como incapazes de cumprir seu papel, e por essa razão seu filho era

“diferente”, porque ela fazia seu filho não se sentir amado, ou não ter nenhum afeto direcionado a ele. Porém, a questão da depressão materna percorre por caminhos muito maiores do que a maternidade, de forma extremamente subjetiva e particular (FURTADO, 2011).

Laznik (2021) em seu livro “a voz da sereia” fala sobre acreditar cada vez menos em uma depressão materna como o fator essencial desencadeante do autismo, que, por sua vez, pode existir inúmeras possibilidades de causas, “a fragilidade de tal ou tal bebê também deva ser levada em conta na desorganização que possa ser suscitado em sua mãe no tempo do pós-parto” (LAZNIK, 2021, p.14).

São inúmeras as possibilidades de busca pela explicação da causa do autismo, justamente pela sociedade estar em um momento extremamente influenciado por resultados e diagnósticos, por exigências institucionais. E Laurent (2014), fala justamente desse crescimento em diagnósticos.

A partir da perspectiva de Laurent (2014) o crescente número de casos diagnosticados de autismo pode amedrontar toda a humanidade, tendo em vista que ainda é um “enigma” para a ciência. Por outra face, podemos observar também, que esse alto índice de diagnóstico tem acarretado uma elevada busca por tratamentos e soluções para o autismo através de diversas vertentes, da religião à ciência, mas sempre em torno de uma perspectiva curativa.

Todas essas questões seja do diagnóstico, ou da resposta da causa do autismo, acabam se ligando a outros contextos, ciência, religião, capitalismo, controle social, indústria farmacêutica, de modo que isso se demonstra de forma cada vez mais grandiosa (FURTADO, 2011).

Lacan (1967) fala em seu artigo “alocução sobre as psicoses da criança” sobre a relação existente entre o capitalismo e a ciência que influencia e insiste em normatizar os sujeitos, as mães acabam por ficar preocupadas em adaptar seus filhos, demonstrando a dificuldade da sociedade em abrir espaço para a diversidade. Lacan (1967) então discute sobre as noções do sintoma da criança, e em contrapartida a fantasia materna para compreender a posição psicótica da criança, onde o destacado por ele é que o corpo da criança pode ser um objeto condensador do gozo para a mãe, e na psicose, o objeto fantasma da mãe.

Sobre a questão dos diagnósticos, Figueiredo e Tenório (2002) explicam que o grande fervor da psiquiatria biológica tenta fazer é intimidar para uma possível redução da clínica psiquiátrica apenas a uma simples conduta, onde faça apenas o compatível do que o médico observou dos sintomas e do diagnóstico caracterizado nos sistemas de classificações, e assim, direcionar, independente das condições do sujeito, negando suas circunstâncias.

É complexa a dinâmica do elemento valorativo dos diagnósticos psiquiátricos quando se está no campo das trocas sociais. Dependendo do contexto, o mesmo diagnóstico, para a mesma pessoa, pode ora agregar-lhe valor, dando-lhe acesso a benefícios, ora estigmatizá-la, restringindo-lhe o acesso a oportunidades (BRASIL, 2015, p.41).

É fundamental pensar, também, nos altos custos desses diagnósticos e nos prejuízos causados por eles. Além de não ser apenas uma quantia em dinheiro, esse diagnóstico traz junto consigo diversos danos e desvantagens sociais ao indivíduo, podendo resultar na redução da obtenção de serviços públicos e até mesmo na exclusão em alguns desses locais. Mas é de suma importância salientar que essa situação pode variar dependendo do contexto social do sujeito, para alguns esses diagnósticos podem agregar valor e dar acesso a benefícios, como foi exposto anteriormente (BRASIL, 2015).

Ademais, diferente do discurso cientificista, onde o corpo biológico é enaltecido, “a Psicanálise, na sua aplicação ao autismo, não depende das hipóteses etiológicas sobre o seu fundamento orgânico” (LAURENT, 2014, p. 33). Há um investimento, a partir da ótica psicanalítica, que o entendimento sobre e a direção a ser tomada para o tratamento, será consolidada no encontro e na subjetividade de cada sujeito, apostando fielmente na singularidade do sujeito e na autonomia da família em pensar o melhor tratamento para seu filho sem que haja a interferência do estado sobre sua ótica (LAURENT, 2014).

A análise sobre esse tema vem ancorada, também, a um contexto familiar onde é possível e necessário dilatar o olhar a respeito desse assunto. O drama familiar pré, e pós-diagnóstico, é algo que se repete nesta ocasião, principalmente na relação mãe e filho. Durante dezenas de anos, a maternidade foi imposta diretamente à figura da mulher, e pensar em maternidade a partir do olhar psicanalítico, tensiona-se à desmistificação dessa ideia de “instinto materno”, de benção ou paraíso voltado a questões religiosas (BADINTER, 1985). É preciso refletir sobre esse lugar de maternidade no desejo de cada mulher, principalmente no autismo, para que assim seja possível se entender como esse diagnóstico interfere nesse desejo e em muitos outros.

Tendo em vista o contexto histórico do autismo, inicialmente foi colocada sobre as mães a culpa por seus filhos nascerem com tal atipicidade, sendo atribuída às mesmas o termo criado por Kanner (1943) como “mães-geladeira”, fazendo referência à frieza e falta de afeto para com a criança e direcionando isso à condição de seu filho.

Atualmente, é imposta à figura da mãe um ideal de responsabilidade total sobre a criação dos filhos, não sobrando espaço para que haja, também, uma figura de mulher. A partir disso,

se faz necessário o seguinte questionamento: Quais as evidências existentes/publicadas sobre a relação entre autismo, psicanálise e função materna?

Baseado nisso, o tema proposto a ser pesquisado, torna-se de extrema importância tendo em vista que há poucos estudos abordando este assunto. Dessa forma, o objetivo principal dessa pesquisa é analisar quais as evidências existentes/publicadas sobre a relação entre autismo, psicanálise e função materna. Além disso, abordar de forma breve um histórico sobre o autismo no decorrer da história até a contemporaneidade. Buscando também compreender a maternidade, para além dos ideais ou padrões culturalmente estabelecidos pela sociedade.

Diante disso, este artigo se liga ao fato que na sociedade patriarcal a função materna é imposta predominantemente à figura da mulher. Essa responsabilidade e função se manteve por muitos anos sobre a figura da feminina, mas na atualidade é possível observar apenas como uma possibilidade a mais e não como um instinto.

O autismo na perspectiva da psicanálise é entendido a partir de um diagnóstico diferencial. Muitas mães chegam até a clínica com o desejo de obter uma resposta rápida de diagnóstico ou até mesmo um tratamento que leve a cura ao filho ou que façam com que esse filho “aja como uma criança normal”. Muitas vezes a falta dessas respostas levam essas mães a um estado de angústia, frustração e culpa, onde as mesmas acham que foi algo de errado que elas fizeram durante a gestação ou qualquer outra coisa, que fizeram com que o filho nascesse assim.

Quando esse filho é diagnosticado com autismo e a ‘fase de aceitação’ já passou, essa é mãe é tomada pela responsabilidade de cuidar integralmente dessa criança, esquecendo totalmente que antes de tudo ela era esposa e, sobretudo, mulher onde antes havia tempo para exercer essas outras funções, mas após a chegada dessa criança esqueceu-se de toda e qualquer atividade já feita, para que pudesse dedicar todo o tempo e atenção apenas ao filho.

À frente disso, se faz necessário salientar, também, que a perspectiva social vem carregada de preconceitos e estigmas sobre como deve ou não agir uma mãe, excepcionalmente as mães de autistas. O ideal de mãe que deve estar e ser integralmente presente e entregue à relação e aos cuidados com o filho acaba apagando o lugar de mulher desejante, o que não acaba sobrando espaço/tempo para a coexistência desses papéis. E é diante dessas hipóteses que se faz fundamental investigar sobre essa temática.

Metodologia

Trata-se de uma Revisão de Literatura na qual tem como característica suprir determinadas dúvidas diante de pesquisas em documentos, fazendo com que seja possível esclarecer as pressuposições teóricas que dão fundamento à pesquisa, e também das contribuições existentes nos estudos que já foram realizados e discutidos de forma crítica (GIL, 2002). Dessa forma, a temática autismo tem se tornado bastante estudada no âmbito biológico e comportamental, porém, essa pesquisa se baseia na temática autismo interligado à psicanálise e à função materna, onde se apresenta um percurso metodológico mais restrito.

Utilizou-se da pesquisa exploratória para obter os resultados que meu objetivo propõe, em que, as pesquisas do tipo exploratórias têm como principal finalidade em suas diretrizes “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento” (GIL, 1994, p.44).

As pesquisas exploratórias segundo Gil (1994) fazem uso de levantamentos bibliográficos e também documentais se necessário, entrevistas e estudos de casos que não são padronizados. Na citação a abaixo Gil cita suas outras qualidades:

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 1994, p.27).

Fez-se uso também da revisão integrativa, pois são pesquisas que se complementam e se relacionam ao utilizarem de um modelo qualitativo, as quais fornecem subsídios para deixar a pesquisa mais objetiva. A revisão integrativa é uma abordagem metodológica extremamente ampla, fornecendo subsídios para revisar a produção acadêmica, sintetizar os assuntos, fazendo também uma boa organização do tema diante das produções já existentes nos meios científicos, além da apresentação crítica da análise dos textos que foram escolhidos para a pesquisa. (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Os dados do presente trabalho foram coletados a partir das plataformas de bases de dados mais reconhecidas: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), e da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Os descritores utilizados para a busca de dados foram: “autista e psicanálise”, “função materna e psicanálise”. Foi utilizada a categoria booleana “OR” com objetivo de alcançar o maior número

possível de manuscritos referente ao tema do estudo. Onde os artigos escolhidos atenderam ao processo de inclusão, ou seja, tais artigos apresentavam e discutiam assuntos relacionados com função materna e o autismo a partir da perspectiva da psicanálise, no qual foram selecionados somente artigos em língua portuguesa e excluídos artigos em qualquer outro idioma e que não se encaixavam com o objeto deste estudo.

É importante salientar que a pesquisa terá como base a psicanálise para discutir as questões sobre autismo, complementando as discussões e os resultados trazidos dos artigos que foram escolhidos. Dessa forma, se torna indispensável recorrer aos clássicos livros de Freud e Lacan, entre outros autores renomados neste âmbito para que possa agregar ainda mais na noção de autismo e as questões com a função materna. Além disso, torna-se necessário também explorar os textos clássicos como as pesquisas de Leo Kanner, Laznik, Beatriz Figueiredo, Laurent, entre outros.

Na interpretação dos dados foi utilizado a Análise de Conteúdo (AC), proposta por Bardin (2011) onde é caracterizada por um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. Desse modo, esse método torna-se essencial para essa pesquisa, tendo em vista ser um modelo qualitativo, gerando assim mais informações importantes.

Para a utilização da Análise foram executados os seguintes passos: 1) a investigação dos dados ocorreu inicialmente uma leitura exploratória dos artigos na íntegra e de todas as publicações escolhidas onde através disso, será possível verificar e analisar se todo o material selecionado se encaixa no que foi proposto a pesquisar. 2) posteriormente, deu-se início à leitura seletiva, que por meio dela possibilitou-se um reconhecimento das partes mais significativas e importantes, que são indispensáveis para que seja realizada a pesquisa proposta. 3) Divisão das categorias de acordo com o contexto histórico do que foi encontrado nos textos.

Depois da seleção foi realizada a compilação dos dados, e para concluir toda a etapa seletiva será realizada uma leitura analítica onde o intuito buscará organizar as informações extraídas para que possam ser desenvolvidas e descritas de forma clara e que dessa forma seja possível abarcar o objetivo que foi proposto e possibilitar respostas positivas aos mesmos.

Tabela I: Processo de análise dos artigos com os critérios, 2022

| PLATAFORMA DE PESQUISA | BVS | PEPSIC | SCIELO | BDTD |
|--|-----|--------|--------|------|
| Total de Artigos | 244 | 8 | 20 | 99 |
| Total de Artigos com os Critérios de Inclusão | 150 | 5 | 07 | 15 |
| Total de Artigos com os Critérios de Exclusão | 94 | 3 | 13 | 84 |
| TOTAL DE ARTIGOS PARA ANÁLISE | 7 | | | |

Fonte: dados da pesquisa

Resultados

Os artigos escolhidos para a análises não tiveram delimitação de tempo, devido aos poucos números de artigos que de fato se relacionam com a temática dessa pesquisa. O número de artigos escolhidos na BVS que se relacionavam com a temática foram 150, na PEPSIC foram 5, SCIELO 7, BDTD 15, e dentre os artigos que faziam parte dos critérios de inclusão foram escolhidos apenas sete para de fato serem discutidos, pois os demais não correspondiam ao necessário. Na tabela I é possível ver o número de artigos que faziam parte tanto dos critérios de inclusão como os de exclusão.

Foram então divididos em três categorias onde na primeira foi direcionado a caracterização histórica da relação entre a função materna e o autismo na psicanálise, utilizando-se de três artigos, na segunda categoria foi sobre os impactos do diagnóstico do autismo, onde coloquei dois artigos na discussão, e por último a categoria sobre a coexistência entre mãe e mulher após o diagnóstico de autismo do filho (a).

Tabela II: Artigos analisados na revisão integrativa e discutidos nas três categorias, 2022.

| Artigos Incluídos na Pesquisa e seus Principais Objetivos | |
|---|--|
| Caracterização histórica da relação entre a função materna e o autismo na psicanálise. | |
| Artigos | Principais objetivos |
| A teoria freudiana da feminilidade: de Freud a Lacan. | O texto propõe uma reflexão sobre a questão da feminilidade. Inicialmente, o autor apresenta a sua leitura das principais posições freudianas sobre a feminilidade e o desejo da mulher. |
| Os distúrbios autísticos de contato afetivo. | O psiquiatra Leo Kanner publica a obra “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, descrevendo 11 casos de crianças com “um |

| | |
|--|---|
| | isolamento extremo desde o início da vida e um desejo obsessivo pela preservação das mesmices”. |
| Sua majestade o autista: fascínio, intolerância e exclusão no mundo contemporâneo. | Investigar o sentido deste fascínio nas suas determinações fantasísticas e ideológicas. Para tanto, abordamos a história das polêmicas em torno deste conceito, as imprecisões teórico-clínicas desde sua concepção e suas consequências para a educação inclusiva. |
| Impactos do diagnóstico. | |
| Artigos | Principais Objetivos |
| Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. | Busca delinear um diagnóstico diferencial a partir da proposição de que no autismo falha a função materna e na psicose infantil falha a função paterna. |
| Sua majestade o autista: fascínio, intolerância e exclusão no mundo contemporâneo. | Investigar o sentido deste fascínio nas suas determinações fantasísticas e ideológicas. Para tanto, abordamos a história das polêmicas em torno deste conceito, as imprecisões teórico-clínicas desde sua concepção e suas consequências para a educação inclusiva. |
| Coexistência entre mãe e mulher após o diagnóstico de autismo do filho (a). | |
| Artigos | Principais Objetivos |
| O desejo da mãe a partir do diagnóstico de autismo. | Traçar um breve histórico sobre o autismo e a maternidade, para além dos ideais ou padrões culturalmente estabelecidos. |
| Brilhante: a inspiradora história de uma mãe e seu filho gênio e autista. | Brilhante trata do poder do amor e da coragem diante dos obstáculos quase intransponíveis. Narrado por Kristine de forma cativante e dramática, é uma belíssima história de superação que vai inspirar leitores de todos os tipos. |

Fonte: dados da pesquisa

Discussão

Caracterização histórica da relação entre a função materna e o autismo na psicanálise.

Neste trabalho, optamos por utilizar o termo “função materna” ao invés do termo “maternidade” levando em consideração que dentro do campo psicanalítico, pai e mãe é uma função e qualquer sujeito que tenha esse desejo pode exercer esse papel (LACAN, 1974-75). Dessa forma, torna-se necessário, também, fazer com que socialmente esse dever e obrigação sejam impostos de maneira mais carregada sobre a figura mulher, é preciso que a observe em sua integralidade e subjetividade, e não somente a função materna isoladamente.

A subversão Lacaniana, opera em cima disso: quando Freud em 1932 sinalizou que precisaríamos reconhecer o desejo pelo pênis como um desejo feminino por excelência para

que pudesse ser feito da mãe o admirável da mulher, Lacan subverte e ressignifica essa ideia separando a mãe da mulher e apontando que, o que há de mais associado à feminilidade é identificação com um significante fálico, isto é, a identificação ao objeto de desejo do Outro (ZAFIROPOULOS; DOS MARES GUIA; CECCARELLI, 2009).

Ademais, o autismo vem sendo um assunto muito pertinente e de extrema importância no meio acadêmico e científico, tendo em vista que ainda é um enigma para a ciência, vem tornando-se necessária a discussão sobre essa temática. Inicialmente, o autismo era “causado”, segundo a descrição de Kanner (1943), na década de 40, como uma consequência da relação de frieza entre mãe e filho, onde este denominou como “mãe geladeira”, porém, essa descrição não se manteve, e desde então, até os dias atuais há essa tentativa de descrever o que é/o que causa o autismo.

Dessa forma, podemos tentar compreender já que não se tem dados históricos e biográficos mais profundos, o que poderia ter levado Leo Kanner as expressões que se referiam aos pais de seus pacientes autistas na época de forma ruim, que fizeram com que Bethelheim utilizasse o então termo “mães geladeira”, relacionando a um padrão e ideal de mãe americanas consideradas “quentes” na função a qual a designaram (FURTADO, 2011).

Mas, se o leitor nos permitir ir um pouco mais longe, temos mais um indício, não só da postura pedagógica de Leo Kanner em relação à psiquiatria, mas uma aparente tentativa de se redimir quanto a uma possível culpabilização das mães: o seu livro (1974, tradução nossa) intitulado *Em defesa das mães: como criar filhos apesar dos mais “fervorosos” psicólogos*. Percebemos, pois, que sua participação em torno do repetido tema da “culpabilização dos pais” não se reduz apenas a uma expressão infeliz no texto fundador do autismo, mas o tema retorna através de uma publicação que reafirma a “ferida narcísica” pela sua negação (FURTADO, 2011, p.62).

Existiu então um percurso histórico ligado a um contexto patriarcal muito forte relacionado ao papel da mulher que foi limitando todo o processo de estudos sobre o autismo, e deixando a mãe em uma situação de extrema responsabilidade seja afetiva ou não diante do filho e da família.

Impactos do diagnóstico em autismo

Há em torno do diagnóstico do autismo diferentes impactos, no que se trata da escolha do objeto a ser pesquisado, porque o autismo se diferencia na psicanálise em relação ao autismo da neurologia, o qual pode influenciar em um tipo de disputa diagnóstica, e isso,

automaticamente, dificulta as trocas científicas. E falo isso em um contexto que relaciona a psicose infantil com o autismo.

Na tentativa de produzir uma uniformidade diagnóstica, a Associação Americana de Psiquiatria passou, desde 1994, a colocar dentro de uma mesma categoria as crianças que eram anteriormente classificadas como psicóticas e autistas, não importando as causas admitidas, em sua quarta edição do Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais (DSM-IV). Às crianças desta ampla categoria foi atribuído o nome de "portadores de distúrbios globais do desenvolvimento." (KUPFER, 2000, p.2).

Muitas questões voltadas ao autismo e sua relação com o diagnóstico se aproximam do saber médico na psiquiatria, e das construções de manuais classificatórios, isso fornece um aumento significativo da segregação, causando assim a necessidade de enquadramento dos sintomas das crianças. Onde a manutenção desses manuais como Manual Diagnóstico e Estatístico das Doenças Mentais (DSM) estão muitas vezes influenciados a ideais políticas, ideológicas e institucionais (FURTADO, 2011).

Muitos psicanalistas fazem críticas aos sistemas de diagnóstico em psiquiatria, onde em alguns casos do uso excessivos dos diagnósticos estão influenciados aos desejos e fins institucionais, onde essa pressa e necessidade do diagnóstico podem acarretar no apagamento do sujeito, vendo-o por uma lógica atribuída pelos manuais (FURTADO, 2011).

Kupfer (2000) fala justamente da questão subjetiva do sujeito sem o peso do diagnóstico:

Há, no entanto, equipes interdisciplinares que vêm trabalhando na tentativa de fazer as especialidades girarem em torno de um mesmo eixo, sem que com isso se percam suas especificidades. E o eixo comum é uma só noção de sujeito, formulada pela Psicanálise. Embora trabalhosa, devido ao modo como se estabeleceram as especialidades, modo esse que as indispõe contra uma leitura do sujeito, é possível subverter essa marca de origem histórica das especialidades e propor uma prática interdisciplinar cujo ponto de articulação seja o sujeito posto em posição de ator fundamental (KUPFER, 2000, p. 101).

Diante dessas questões, alguns autores vêm propondo um reordenamento do campo diagnóstico. Os eixos não são mais as perguntas pelo orgânico ou pelo psicogênico, e sim a indagação pela posição do sujeito no enodamento do simbólico, do imaginário e do real. A pergunta a ser dirigida à criança, na perspectiva de um diagnóstico a realizar-se na transferência o que caracteriza o diagnóstico em Psicanálise em oposição ao da Psiquiatria, será a pergunta por sua posição subjetiva diante do Outro. Ao invés de psicóticos, encontraremos crianças postas em variadas posições, cujo eixo comum é uma falha no registro do simbólico, ou seja, o Outro não se estruturou como barrado, o que resulta em uma variedade imensa de manifestações fenomênicas. Ao invés de autistas, encontraremos crianças para as quais é o registro do imaginário que não se estruturou de modo conveniente, provocando igualmente uma grande gama de manifestações "subjetivas" (KUPFER, 2000, p. 102).

Essa seria então uma maneira de entender o autismo na psicanálise em uma perspectiva que ultrapassa os diagnósticos vivenciados na atualidade, onde há uma pressa em determinar o que aquela criança é, diante dos manuais psiquiátricos, que podem estar influenciados no mercado farmacêutico, na busca por benefícios sociais para as famílias, as escolas.

Coexistência entre mãe e mulher após o diagnóstico de autismo do filho (a)

Ao falar o termo “mãe e mulher” é referindo-se ao fato de existir dois papéis sociais diferentes em uma só pessoa. A mãe, aquela que faz o papel e vivencia a maternidade e a mulher, àquela que se coloca como um sujeito que deseja, para além do filho e da maternagem. Podendo considerar que “essa talvez seja a possibilidade de pensar o próprio lugar da criança como aquele que divide, separa a mãe (dita saturadora, crocodilo) de seu lado mulher” (FREIRE, 2017, p. 3).

O desejo da mãe na clínica psicanalítica caminha justamente por aquilo que ultrapassa a maternidade propriamente dita, Beatriz Freire em seu texto “o lugar da criança (entre a mãe e a mulher) ou “lalíngua, não por acaso, dita materna”, fala justamente dessa separação. Onde “trata-se do lado feminino, não todo, da mulher também mãe, que aponta para um resíduo, um desejo que não pode ser preenchido com nenhum objeto.” (FREIRE, 2017, p.3). Diante disso, vale salientar que de acordo com a teoria da psicanálise o desejo é homólogo à falta, e, por isso, propicia construções e invenções subjetivas, em sua maioria das vezes frente ao campo que constituímos como Outro (FREIRE, 2017).

Lacan em seu retorno à Freud vem trazer uma perspectiva em que a criança se apresenta para a mulher como o falo, ou seja, como algo que preencherá aquilo que nela antes faltava, sendo importante salientar que o falo, aqui não diz respeito ao pênis, mas sim como uma função de objeto imaginário à mulher. “Se a mulher encontra na criança uma satisfação, é, muito precisamente, na medida em que encontra nesta algo que atenua, mais ou menos bem, sua necessidade de falo, algo que o satura” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 71).

Entretanto, dentro da relação mãe e filho no autismo, o desejo materno se encontra impedido de se realizar, tendo em vista a lógica do sujeito autista que não aceita ser objeto de desejo de um Outro.

A recusa do autista, portanto, é também à mãe, ao seu olhar, carinho, amor e tudo mais que ela lhe oferece. Um ser que recusa qualquer oferta de afeto, de contato, como pode a mãe o desejar? Muitas mães, diante dessa recusa, sentem-se devastadas e desistem da criança que não corresponde a seu desejo (DE OLIVEIRA, 2019, p. 6).

É a partir da falta dessa resposta ao seu desejo e dessa troca simbólica que a mãe vai se encontrar em uma situação desconhecida e torturante, onde ela muitas vezes vai em busca de diagnóstico e tratamentos para encontrar a “cura” desse filho. Lacan (1962-1963/2005), vem trazendo em seu o seminário - Livro 10: A angústia, que esse sentimento angustiante é indicador da eminência do Real, ou seja, é sinal de algo que não há descrição, daquilo que atravessa a experiência e que a linguagem não consegue abarcar.

Você come, respira e dorme autismo. Luta contra o autismo a cada momento, desperto e quando adormece sabe que poderia – que deveria – ter feito mais. Como existem muitas provas de que a melhora depende da quantidade de intervenção que a criança recebe antes dos cinco anos, a vida com uma criança autista é uma constante corrida contra o relógio para fazer mais, mais, mais (Barnett, 2013, p. 41).

Diante do exposto, é possível perceber que a mãe se identifica com um lugar de responsabilidade total perante essa criança, esquecendo que antes de ser e exercer essa função materna, ela era esposa e, principalmente, mulher, mas que após a chegada do filho passou a não haver mais tempo para realizar essas outras funções, mas somente para dedicar-se, em tempo integral aos cuidados da criança (BARNETT, 2013).

Conclusão

Todo o percurso do autismo se reflete na busca por compreender a sua causa, e por muito tempo essa busca conspirou em uma “culpabilização” voltada a mãe e sua função diante do filho, mesmo antes dele nascer. Ainda não é possível comprovar o surgimento do autismo nas crianças, seja biologicamente ou socialmente, o que sabemos é de suas características muito particulares e que se difere de sujeito para sujeito, tendo em vista que temos um padrão de normalidade a ser seguido.

Mas foi possível notar que mãe e mulher dificilmente se separam diante de um diagnóstico de um filho autista, pelo tempo exigido no tratamento, no medo, na falta de informação sobre sua causa, o julgamento social e de outros diferentes fatores. A psicanálise procura dentro do tratamento do sujeito autista levar, de fato, em consideração sua subjetividade, sem que haja em torno dessa transferência uma regra tão fortemente afetada por desejos institucionais, mas sim ao que a criança traz em sua linguagem. Do mesmo modo, a mãe precisa sair da bolha construída socialmente sobre como deve atuar, isso faz com que a mulher que exista naquele corpo possa também se reconhecer.

Nas discussões é possível percorrer por todos esses processos, do contexto histórico do autismo na psicanálise, dos impactos do diagnóstico do autismo diante de tantas ideologias capitalistas e biologicistas, que de certo modo influenciam e prejudicam a questão da coexistência da mãe e mulher, que também afetam a criança. O número de artigos escolhidos demonstra o quão escasso essa temática é tratada.

Dessa forma, é de extrema importância que a temática dessa pesquisa seja discutida em espaços que fazem parte da construção desses ideais, como nas escolas, justamente por ser um assunto pouco debatido. O que vemos mais presente são discussões sobre o diagnóstico do autismo, mas raramente se direciona para a mãe e mulher nesse contexto.

Referências

ASSUMPTÃO JR, Francisco B.; PIMENTEL, Ana Cristina M. Autismo infantil. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 22, p. 37-39, 2000.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Editora Nova Fronteira. 1985.

BARNETT, Kristine. *Brilhante: a inspiradora história de uma mãe e seu filho gênio e autista*. Jorge Zahar Editor Ltda, 2013.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições, v. 70, n. 1, 2011.

BORGES, Thelma Pontes. Considerações sobre o autismo infantil. *Mental*, v. 4, n. 7, p. 137-146, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Linha de Cuidado para a Atenção às Pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas Famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 156 p.

DE OLIVEIRA, Lucimar Brandão. O desejo da mãe a partir do diagnóstico de autismo. *Psicologia em Revista, Belo Horizonte*, v. 25, n. 3, p. 1287-1300, 2019.

FREIRE, Ana Beatriz. O lugar da criança (entre a mãe e a mulher) ou “lalíngua, não por acaso, dita materna”. *Opção Lacaniana*, v. 8, n. 23, p. 1-11, 2017.

FURTADO, Luís Aquiles Rodrigues. *Sua majestade o autista: fascínio, intolerância e exclusão no mundo contemporâneo*. 2011. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

FIGUEIREDO, Ana Cristina; TENÓRIO, Fernando. O diagnóstico em psiquiatria e psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 5, p. 29-43, 2002.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1994.

KANNER, Leo *et al.* Distúrbios autísticos de contato afetivo. *Criança nervosa*, v. 2, n. 3, pág. 217-250, 1943.

KANNER, Leo. Early infantile autism. *The Journal of pediatrics*, v. 26, p. 55-65, 1944.

KUPFER, M. Cristina M. Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. *Psicologia USP*, v. 11, p. 85-105, 2000.

LAZNIK, Marie Chistine. *A voz da sereia o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. 4ª edição. Salvador: Editora Ágalma, 2021.

LACAN, Jacques. Seminário 22. *RSI, inédito*. 1974-75.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1956-57, 1995.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1962-63, 2005.

LACAN, Jacques. Alocução sobre as psicoses da criança (1967). *Outros escritos*, Jorge Zahar 1967, Rio de Janeiro, 2003, p 359-368.

LAURENT, Éric. *A batalha do autismo: Da clínica à política*. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

ZAFIROPOULOS, Markos; DOS MARES GUIA, Elisa Rennó; CECCARELLI, Paulo Roberto. A teoria freudiana da feminilidade: de Freud a Lacan. *Reverso*, v. 31, n. 58, p. 15-24, 2009.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

MAGALHÃES, Laura Cristina Oliveira; ARAÚJO, Ana Ramyres Andrade de; NUNES, Henrique Riedel. A Função Materna e o Autismo: Algumas considerações a partir da Psicanálise. **Id on Line Rev. Psic.**, Outubro/2022, vol.16, n.63, p. 235-249, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 09/09/2022;

Aceito 19/09/2022;

Publicado em: 30/10/2022.